

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA SAÚDE DA CRIANÇA

NURSING PERFORMANCE IN CHILD HEALTH

DANIELLA CARVALHO SALES¹, LEANDRO SALDIVAR DA SILVA², ADÉLIA MARIA DOS SANTOS REBELATO³, ANDRESSA FERREIRA ALVES ITYAMA⁴, DÉBORA NUNES GOMES MAXIMIANO⁵, CAMILA BAGANHA MARCONI⁶, MAICON DEPIERI⁷, LUCIANA FERREIRA DE SOUZA DANTAS^{8*}

1. Concluinte do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera – campus Arapongas; 2. Mestre em Odontologia - Concentração: Saúde Coletiva, Especialista em Urgência Emergência, Unidade Terapia Intensiva, Enfermagem em Cardiologia, Formação Pedagógica em Educação Profissional na área da saúde, Qualidade em Saúde e Segurança do Paciente. Coordenador e docente do curso de graduação de Enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera; 3. Mestre em Bioética, Especialista em Auditoria em Saúde, Gestão em Saúde, Ensino e Pesquisa Docente do curso de graduação de Enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera; 4. Especialista em Programa da Saúde da Família, Tecnologia de Informática na Educação, Educação Física Inclusiva, Enfermagem do Trabalho e Acupuntura Docente do curso de graduação de Enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera; 5. Especialista em Urgência e Emergência Docente do curso de graduação de Enfermagem pela Universidade Anhanguera. Especialista em Urgência e Emergência, Enfermagem em Cardiologia, Especialista em Unidade de Terapia Intensiva da Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera; 6. Especialista em Centro Cirúrgico e Central de Materiais e Esterilização e Unidade de Terapia Intensiva Preceptora do curso de graduação de Enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera; 7. Mestre em Metodologia do Ensino e Linguagens e suas Novas Tecnologias Especialista em Enfermagem em Cardiologia, Enfermagem em Urgência e Emergência e Gestão em Saúde Pública Docente do curso de graduação de Enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera. 8. Especialista em Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Docência em Ensino Superior, Enfermagem em Ginecologia e Obstetrícia Docente do curso de graduação de Enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera.

* Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera, Rodovia PR 218 Km 01 s/nº Jardim Universitário. Arapongas, Paraná, Brasil. CEP: 86702-670 luciana.f.dantas@kroton.com.br

Recebido em 19/09/2022. Aceito para publicação em 08/11/2022

RESUMO

O cuidado à saúde da criança tem sido pautado nas diretrizes das políticas públicas nacionais e internacionais de atenção à saúde destes pacientes e busca orientar a assistência para que esta seja ofertada de modo integral e resolutivo. Como meta importante dos sistemas de saúde, os enfermeiros possuem capacidade para melhor ofertar cuidados, no sentido de contribuir com mudanças nos indicadores e promoção de saúde. Ao cuidar de crianças, encontramos um ser humano e sua família imersos em vulnerabilidade emocional, física e social, o que exige da enfermagem não só compreensão da doença, mas também sensibilidade para reconhecer suas peculiaridades. O enfermeiro deve estar atento à singularidade de cada corpo e deve empregar métodos para minimizar a dor, liberar sentimentos de raiva, ansiedade, hostilidade, permitindo assim a expressão interior de medo e desespero. Esta é uma opção que minimiza os sentimentos negativos da hospitalização e potencializa a recuperação da criança.

PALAVRAS-CHAVE: enfermagem; pediatria; vulnerabilidade; promoção de saúde; tratamento.

ABSTRACT

Child health care has been guided by the guidelines of national and international public health care policies for these patients and seeks to guide the assistance so that it is offered in a comprehensive and resolute way. As an important goal of health systems, nurses have the ability to better offer care, in order to contribute to changes in indicators and health promotion. When caring for children, we find a human being

and his family immersed in emotional, physical, and social vulnerability, which requires from nursing not only an understanding of the disease, but also sensitivity to recognize its peculiarities. The nurse must be aware of the uniqueness of each body and must employ methods to minimize pain, release feelings of anger, anxiety, hostility, thus allowing the inner expression of fear and despair. This is an option that minimizes the negative feelings of hospitalization and enhances the child's recovery.

KEYWORDS: Nursing; pediatrics; vulnerability; health promotion; treatment.

1. INTRODUÇÃO

O cuidado à saúde da criança tem sido pautado nas diretrizes das políticas públicas nacionais e internacionais de atenção à saúde destes pacientes e busca orientar a assistência para que esta seja ofertada de modo integral e resolutivo.

Segundo a Constituição Federal de 1988¹ e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990², a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC - Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança) foi instituído em 2015³ no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS- Sistema Único de Saúde) que assegurem os direitos legais a proteção e o cuidado integral às crianças.

Com o objetivo de apoiar o crescimento e desenvolvimento da criança, o Ministério da Saúde estabeleceu as linhas de atenção para operacionalização da atenção integral, prestando atenção nos três níveis

de atenção, por meio de ações preventivas que estimular a autonomia e corresponsabilidade dos pacientes, bem como, a detecção precoce de doenças.

O foco das ações é a saúde, e não a doença, buscando visualizar a criança inserida no contexto familiar em todos os aspectos que determinam sua saúde e, com isso, reduzindo a morbidades e mortalidade por causas evitáveis. Como meta importante dos sistemas de saúde, os enfermeiros possuem capacidade para melhor ofertar cuidados, no sentido de contribuir com mudanças nos indicadores de saúde, como a redução das morbidades e mortalidade mediante o desenvolvimento de ações de promoção da saúde, prevenção da doença, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos.

Ao cuidar de crianças hospitalizadas, encontramos um ser humano e sua família imersos em vulnerabilidade emocional, física e social, o que exige da enfermagem não só compreensão da doença, mas também sensibilidade para reconhecer suas peculiaridades.

Para tanto, é necessário incluir a criança no processo, tornando-a sujeito ativo e valorizando seus desejos, pois tende a se comunicar de forma pura e verdadeira. A importância da interação da equipe da enfermagem, vislumbrando encontrar as melhores soluções e o manejo adequado, conforme os preceitos éticos, legais e humanizados.

Crianças hospitalizadas passam por muitas adversidades: separação, dor, desconforto físico devido a doenças, que influenciam o aspecto afetivo, psicológico e emocional, e é importante que o enfermeiro reconheça esse sofrimento.

Faz-se necessário ouvi-los, aprendendo assim a extensão da doença em sua vida e como eles vivem isso, que são aspectos únicos para cada criança. A criança é capaz de entender o que está sendo falado, a criança entende que os profissionais de enfermagem estão lá para ajudá-los a enfrentar a fase de doença e hospitalização.

Além disso, a criança internaliza a possibilidade de afetividade e troca de experiências. Da mesma forma, a proximidade entre enfermeira e criança favorece a identificação de suas necessidades de saúde durante a hospitalização. O enfermeiro deve estar atento à singularidade de cada corpo e deve empregar métodos para minimizar a dor, liberar sentimentos de raiva, ansiedade, hostilidade, permitindo assim a expressão interior de medo e desespero.

Esta é uma opção que minimiza os sentimentos negativos da hospitalização e potencializa a recuperação da criança⁴.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho descreve a importância acerca dos cuidados de enfermagem e compreender quais são as melhores formas de abordá-la para a realização desses cuidados. Descrever como é feito o cuidado e como ele pode ser mais direcionado às necessidades da criança; apontar modelos de cuidados dinâmicos e didáticos que

auxiliam no prognóstico da criança; melhorar o cuidado. Tratou-se de uma revisão bibliográfica. A busca de artigos ocorreu nas bases de dados: Scielo, PubMed e BVS.

Os critérios de inclusão foram: atuação do enfermeiro na pediatria. Utilizou-se as palavras-chave: enfermagem; pediatria; vulnerabilidade; promoção de saúde; tratamento. Esse artigo, resultado do trabalho de conclusão de curso de Enfermagem da UNOPAR, tem como o propósito discorrer sobre "O Significado do Cuidado do Enfermeiro à Criança".

3. DESENVOLVIMENTO e DISCUSSÃO

Cuidado integral de enfermagem pediátrica

Enfermagem é arte e ciência. Enfermagem é cuidar de uma pessoa em uma variedade de situações relacionadas à saúde para prevenir doenças e promover padrões mais elevados de saúde. A profissão de enfermagem fundamenta-se na teoria, na prática e na pesquisa. Os profissionais de enfermagem reconhecem a importância de usar o melhor conhecimento para orientar a prática de enfermagem. No entanto, os profissionais de enfermagem enfrentam dificuldades para aplicar o conhecimento teórico na prática. Isso influencia a motivação, credibilidade, dignidade e percepções dos profissionais de enfermagem sobre os enfermeiros. A necessidade de definir a enfermagem infantil como uma entidade distinta é vital. O cuidado integral de enfermagem pediátrica concentra-se em ajudar crianças e garantir que ela cresça saudável em todos os aspectos da vida. O bem-estar da criança por meio da promoção e a restauração da saúde é, há muito, prioridade na atenção à saúde da população⁵.

As crianças hospitalizadas experimentam inúmeras sensações traumáticas, tais como a separação dos familiares, dor, manipulação severa e desconforto físico causado pela doença, que afetam o emocional, psicológico e emocional, o enfermeiro deve estar atento a essa dor. Portanto, é necessário ouvir suas opiniões para compreender a extensão da doença em suas vidas e em suas vidas, aspectos que são únicos para cada criança⁶.

Ao cuidar de crianças hospitalizadas, deparamo-nos com o ser humano e seus familiares que se encontram em estado de vulnerabilidade emocional, física e social, o que requer não só a compreensão da doença pelos profissionais de enfermagem, mas também a sensibilidade para sua particularidade. Portanto, é necessário envolver as crianças, torná-las objetos ativos e valorizar seus desejos, pois elas se comunicam de forma pura e autêntica⁵.

Como a interação social da criança passa ser momentaneamente o hospital, ela observa de perto o comportamento da enfermagem e simpatiza com eles. Por causa dessa atenção cuidadosa, os cuidados e procedimentos do paciente pediátrico requerem medidas específicas de proteção à criança. O enfermeiro precisa estar atento às singularidades de cada criança, não somente aos cuidados clínicos necessários⁴.

O enfermeiro precisa refletir, compreender e adaptar seu papel tanto de cuidador como também de intermediário na zona de desenvolvimento infantil, devendo e ajudando a criança a compreender melhor sua condição naquele momento, a internação e os tratamentos por que passa, considerando suas necessidades e particularidades. A hospitalização de crianças é uma situação estressante e traumática, uma vez que há uma ruptura com seu meio social, atividades, hábitos e costumes. As crianças estão imersas em um novo ambiente, cheio de restrições e rotinas, com pessoas desconhecidas e, ainda por cima, sendo submetidas a procedimentos que geram medo e dor⁷.

As crianças são as melhores fontes de informações sobre suas próprias experiências e sentimentos. Eles podem expressar seus pensamentos de diferentes formas (verbais e não verbais) e, portanto, é necessário que o enfermeiro entre no mundo da criança e permita que expressem as situações que experimentam. Tudo ao seu redor tem função mediadora e interfere no seu desenvolvimento: as pessoas com quem as crianças estão conectadas, o ambiente que mora, transmitindo significados que a criança passa a compreender. Com a interação social da criança no ambiente hospitalar, a criança acompanha de perto as ações do enfermeiro⁴.

Os profissionais precisam refletir e compreender seu papel como mediadores na recuperação e desenvolvimento da criança, pois eles podem e devem ajudar as crianças a compreenderem melhor os processos da doença, a hospitalização e o tratamento que eles estão recebendo, por meio de uma abordagem que atenda às suas necessidades e singularidades. É essencial que a criança compreenda a intencionalidade das ações de enfermagem, por meio de explicações e orientação usando linguagem apropriada, para que se sintam respeitados pelos adultos que fazem parte de sua rotina, acompanhamentos e que representam autoridade⁴.

A criança pode aceitar, mais pacificamente, os procedimentos hospitalares que precisam ser realizados é preciso estabelecer comunicação com a criança e é importante utilizar estratégias, como instrumentos adequados e sinais do universo da criança, como o brincar, cantar, contar histórias, mostrando segurança e respeito, possibilitando assim mudanças em seus comportamentos. O paciente é a primeira prioridade da enfermeira. O papel da enfermeira é defender os melhores interesses do paciente e manter a dignidade do paciente durante todo o tratamento e cuidados, é imprescindível a atenção contínua sobre a situação das crianças, no intuito de buscar diariamente uma melhor qualidade de vida a elas por meio da prevenção de doenças e agravos.

O enfermeiro enquanto agente de promoção e prevenção da saúde da criança é ligado diretamente a todas as situações da vida da criança. O enfermeiro deve conhecer todo o processo de crescimento e desenvolvimento da criança, para realização de uma avaliação eficiente. O enfermeiro deve interagir sempre

com a criança e a família, uma vez que todos os processos ambientais e sociais que interferem no desenvolvimento normal de uma criança podem estar ligados ao convívio familiar ou social; O enfermeiro necessita ser conhecedor de todas as políticas de saúde de atenção à criança e a operacionalização destas, para que consiga sempre em sua atuação realizar os encaminhamentos necessários⁵.

O enfermeiro busca ferramentas na comunicação com a criança, interação, tornando assim a informação um processo presente e a relação com a equipe de enfermagem satisfatória para busca de bons resultados; O enfermeiro deve promover um ambiente saudável à criança e de interação buscando a cooperação da criança; O enfermeiro tem responsabilidade de promover a segurança no atendimento à criança em todas as suas fases, por meio de procedimentos técnicos isentos de riscos e manutenção da criança em ambiente seguro quando nos momentos de consulta de enfermagem e internação hospitalar.

Cabe ao enfermeiro manter sua equipe de atendimento capacitada para a prestação da assistência de enfermagem infantil, construindo em conjunto com os demais profissionais da especialidade pediátrica protocolos de atendimento, maneiras de relacionamento entre a equipe, criança e pais; capacitação e atualização técnica diante de todos os procedimentos realizados em seu local de trabalho, entre outros; O enfermeiro em sua atuação no atendimento infantil deverá contribuir para a adaptação da criança ao meio, na consulta ou na internação hospitalar³.

Processo saúde-doença na pediatria

No âmbito das políticas para a primeira infância, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda estratégias de mobilização para a promoção de ambientes saudáveis e da atenção à saúde das crianças, a fim de mitigar as mais de três milhões de mortes infantis, menores de cinco anos no mundo por causas associadas ao meio ambiente, o atendimento à criança, área da pediatria voltada principalmente para os aspectos de prevenção e de promoção da saúde, atua no sentido de manter a criança saudável desde o período de gestação, para garantir seu pleno desenvolvimento, de modo que atinja a vida adulta sem influências desfavoráveis e problemas trazidos da infância⁸.

Entende-se que o cuidado vai além dos procedimentos inerentes à profissão, exigindo um olhar humanizado a fim de desenvolver habilidades como acolher o paciente e família, respeitar a autonomia de cada indivíduo e compreender que cada ser humano que cuida do outro, também tem suas limitações em vista da finitude da vida. O atendimento às suas múltiplas necessidades exige do enfermeiro e de sua equipe o desenvolvimento de estratégias de ação e interação ancoradas na perspectiva da complementaridade, reciprocidade, recursividade e não linearidade. Somente a partir de uma abordagem dinâmica, interdisciplinar e multidirecional será

possível o cuidado à criança e sua família, em sua complexidade⁹.

O gerenciamento do cuidado de enfermagem à criança em condição crônica hospitalizada caracteriza-se como um fenômeno complexo que exige do enfermeiro o estabelecimento de múltiplas interações e pensamentos que valorizem a singularidade, a multidimensionalidade e o contexto social da criança e sua família. O cuidado à criança exige que o enfermeiro possua conhecimentos em distintas áreas do conhecimento e pratique a clínica ampliada. Assim, reconhecem que é necessário ir além do raciocínio clínico centrado nos sinais e sintomas fisiopatológicos e incluir a particularidade de cada situação de cuidado⁶.

Os profissionais de enfermagem são impelidos, devido ao fato de que a hospitalização é considerada uma experiência difícil, a tomar ações que reduzam a angústia da criança e da família, e isto é fundamental para um cuidado abrangente. Entende-se que as ações de solidariedade, proximidade, afinidade, união, responsabilidade e apoio são ferramentas que podem ajudar a família a se sentir mais segura e forte diante da hospitalização da criança. É sabido que o cuidado centrado no paciente e na família é uma abordagem que reconhece o significado da família como um usuário de saúde, assegurando sua participação no planejamento de ações e levando em conta que ela tem influência na saúde do paciente e deve ser vista como um parceiro para melhorar as práticas e o sistema de saúde⁷.

O compreender e discernir a dor é um aspecto muito importante do cuidado de enfermagem com o paciente pediátrico. O conhecimento e a atitude de um enfermeiro podem afetar sua capacidade de proporcionar um manejo adequado às necessidades da criança. O cuidado de enfermagem na área da criança integra conhecimentos específicos para garantir a qualidade do cuidado e habilidades que permitam que a criança e a família se sintam participantes, ou seja, que existem boas condições de interação durante o cuidado.

O principal objetivo da enfermagem pediátrica é melhorar a qualidade dos cuidados de saúde-doença para crianças e suas famílias. A enfermeira pediátrica é responsável por promover a saúde e o bem-estar da criança. As funções de enfermagem vão além do simples medicar e triar, é cuidar com amor. Na atenção à saúde da criança, o desenvolvimento das crianças é examinado e avaliado. Trabalhar com crianças no hospital é baseado na visão do mundo que afirma que o paciente é inicialmente uma criança. Investir em seu bem-estar mental ajudará ele e seus pais a lidar melhor com sua doença e hospitalização.

Quem se sente acolhido pelos enfermeiros passa a expressar esse sentimento por meio de seu comportamento, respeito, tirando dúvidas, cooperando com os procedimentos. Incentivar a criança a rir, a se alegrar, favorece substancialmente sua recuperação e desenvolvimento saudável, agregando também benefícios de aprendizagem, interação social e promoção de comportamentos positivos. Eles ficam contentes quando essas ações ocorrem. Assim, é

possível compreender que as crianças desejam que os profissionais assumam, de fato, o papel de mediadores, como um protetor. Algumas crianças internalizam o pensamento, por meio de suas vivências com o mundo e as pessoas, que cabe ao profissional de enfermagem curar sua doença, e permitir que eles eventualmente voltem para suas casas.

Os enfermeiros pediátricos conhecem muito bem o crescimento e o desenvolvimento, pois adaptam às suas interações e cuidados ao nível de desenvolvimento individual da criança⁵.

Qual a importância que o cuidado do enfermeiro gera na vida da criança? O cuidado sempre esteve presente na história do ser humano, a fim de preservar-se, sendo também compreendido como uma forma de viver, de ser e de se expressar.

O cuidado é considerado a essência da enfermagem, sendo construído para as relações intersubjetivas, entre as pessoas que cuidam e que são cuidadas, no intuito de proteger, promover e preservar a humanidade daquele que recebe o cuidado. Entretanto, a equipe de enfermagem muitas vezes ainda tem reconhecido o cuidado, principalmente, como a execução de procedimentos, centrado nas ações técnicas e com foco apenas na doença e não no sujeito como um todo. Colocando a criança num ordinário cuidado ao invés de um autêntico cuidado voltado unicamente para ela e suas necessidades.

O sentido do cuidado à criança que precisa de cuidados médicos, propõe uma linha tênue entre o que levou a criança precisar de atendimento e como tratar e evitar que precise de futuros cuidados. Preocupando-se em fazer uma anamnese não apenas dos sintomas clínicos, mas também das condições de vivência da criança. Os profissionais tendem à impropriedade em busca da mediania e do nivelamento de todas as possibilidades de ser. Porém, quando saem desse pensamento de indiferença ao paciente e começam a vê-lo por um todo, atinge-se a empatia, respeito e misericórdia nos cuidados.

É imprescindível que o papel dos profissionais de enfermagem seja realizado com ternura, carinho e respeito. Além disso, eles têm a necessidade desses profissionais explicarem cada etapa dos procedimentos, para que possam entender seu propósito e se sentir mais seguros. É necessário repensar o ensino e prática do cuidado do enfermeiro, para que seja oferecido um cuidado autêntico à criança. Cada criança é única e os cuidados para com elas, também.

O sentido do cuidado à criança hospitalizada se materializa entre a profissão e as diversas formas de preocupação. Ao se engajar/preocupar-se com os modos de ser do cotidiano, os profissionais tendem à impropriedade ao tentar mediar e nivelar todas as possibilidades de ser.

As estratégias, mediações, ações e técnicas terapêuticas constituem um vasto rol de incubências que tradicionalmente se denomina cuidados de enfermagem, embora a realização de procedimentos nem sempre seja uma forma de cuidar, mas apenas um

ato mecânico. O cuidado é diferente. É uma ação de compaixão e enobrecedora quando realizada em um ser humano e, preferencialmente, para e com o ser, que é o sujeito do cuidado, demonstrando envolvimento e comprometimento.

Relacionamento e cuidado

O momento da internação hospitalar é vivenciado com ansiedade pela criança, familiares e equipe de saúde, pois compartilham a experiência e valorizam as interações desenvolvidas. A interação enfermeira-paciente positiva é um componente crítico do cuidado de enfermagem eficaz. A capacidade de interagir positivamente com o paciente e sua família que enfrentam crises durante a doença e a hospitalização é essencial para o cuidado profissional de enfermagem.

É imperativo que os enfermeiros que cuidam de crianças, jovens e suas famílias desenvolvam e mantenham relações terapêuticas eficazes, de confiança e de colaboração que se situem no âmbito dos limites profissionais. Essa relação é de responsabilidade do enfermeiro e deve ser positiva e mutuamente aceitável para todas as partes interessadas. Um desafio único para as enfermeiras pediátricas é abordar e priorizar as necessidades de cuidado da criança, ao mesmo tempo em que atende às necessidades da família e capacita-a⁶.

O estabelecimento de uma relação terapêutica é a base essencial para a prestação de cuidados de enfermagem de alta qualidade. Os enfermeiros pediátricos precisam ter relações significativas com as crianças e suas famílias e ainda assim permanecer separados o suficiente para distinguir seus próprios sentimentos e necessidades. Em uma relação terapêutica, limites bem definidos e cuidados separam a enfermeira da criança e de sua família. Esses limites são positivos e profissionais e promovem o controle da família sobre o cuidado com a saúde da criança. Tanto a enfermeira quanto a família estão capacitadas e mantêm comunicação aberta.

Em uma relação não-terapêutica, esses limites são indefinidos, e muitas das ações podem servir às necessidades pessoais, como a necessidade de se sentir desejado e envolvido, em vez de necessidades da família. Explorando se as relações com os pacientes são terapêuticas ou não-terapêuticas ajuda os enfermeiros a identificar as áreas problemáticas logo no início de suas interações com crianças e famílias. Uma relação terapêutica entre a enfermeira e a criança é definida como, proposital, respeitosa, baseada no cuidado com reconhecimento das qualidades únicas da criança e que é guiada por fronteiras profissionais. Para permitir a conexão, a enfermagem se relaciona estreitamente com as experiências da criança, a interpretação dos eventos, desafios e necessidades e os ajuda a se sentirem ouvidos e compreendidos.

O que é feito com e para a criança é feito com respeito e com respeito às suas preocupações. A eficácia desta relação pode impactar tanto positiva quanto negativamente na qualidade dos cuidados físicos, psicológicos e emocionais prestados pela

enfermeira. A natureza da relação terapêutica influencia a capacidade da enfermeira de fornecer cuidados de alta qualidade que são coordenados em torno das necessidades e desejos da criança e da família.

A enfermeira pode se esforçar para alcançar muita qualidade e relacionamento, demonstrando um interesse genuíno pela criança e pela família com sensibilidade para todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal. Estas características são primordiais para o desenvolvimento de uma relação terapêutica de confiança e colaboração, argumentando-se que a qualidade da relação entre a enfermeira, criança e família é muito mais importante do que o uso de qualquer habilidade de comunicação específica¹⁰.

Empatia, genuinidade e uma abordagem sem julgamento são características chave para o desenvolvimento da confiança e do relacionamento dentro das relações. Existem inúmeras estratégias que as enfermeiras podem acessar para desenvolver seus conhecimentos e habilidades na construção de relacionamentos efetivos. Por exemplo, habilidades de comunicação como ouvir ativamente, parafrasear, resumir, refletir e questionar são fundamentais para o desenvolvimento de relacionamento e relações terapêuticas.

Com a maturidade, a criança aumenta a compreensão e a autonomia, influenciando o envolvimento nas decisões de cuidados pessoais. As crianças muitas vezes dependem dos adultos para tomar decisões em seu nome, pois podem não compreender a doença e os tratamentos e isto, por sua vez, cria desafios para as enfermeiras. A enfermeira deve monitorar continuamente as relações com crianças e familiares, reconhecendo a indubitável vulnerabilidade da criança, enquanto avalia e aborda todos os aspectos do cuidado físico e emocional.

Crianças e famílias devem ser respeitadas e ouvidas a fim de participar plenamente das decisões de cuidado. A importância da comunicação e da compaixão nos relacionamentos não pode ser subestimada e ajudará os enfermeiros⁷.

O cuidado centrado na família é um conceito chave na enfermagem infantil, sugerindo que as crianças e as famílias devem consentir e estar ativamente envolvidas nas decisões de cuidado resultando em um entendimento acordado entre todas as partes interessadas. Os enfermeiros devem reconhecer a criança como um membro central dentro da unidade familiar, assegurando que os cuidados se estendam aos pais e à família em geral¹⁰.

4. CONCLUSÃO

A vida é uma rua de mão única e à medida que as pessoas fazem sua jornada, elas vão encontrar vários obstáculos que devem enfrentar. Os primeiros passos neste caminho, que levam anos, estão cheios de mudanças; isto significa que esta etapa da infância é considerada, em muitos casos, como nova como é preocupante.

Os profissionais de enfermagem são obrigados,

devido ao fato de que a hospitalização é considerada uma experiência difícil, a tomar ações que reduzam a angústia da criança e da família, e isto é a chave para um cuidado abrangente. Entende-se que as ações de solidariedade, proximidade, afinidade, união, responsabilidade e apoio são ferramentas que podem ajudar a família a se sentir mais segura e forte diante da hospitalização de crianças.

A promoção da saúde pressupõe que o processo saúde-doença decorre de determinantes sociais, econômicos, culturais, étnico-raciais, psicológicos e comportamentais, que podem contribuir para o surgimento de doenças e constituir fatores de risco para a população e configurar sua qualidade de índices de vida.

As necessidades de saúde apresentadas pelos pacientes pediátricos constituem a partir de sua interpretação de saúde e doença. Essa interpretação recebe influência de inúmeros determinantes e condicionantes biológicos, sociais, psicológicos e econômicos, em um constante processo de constituição de subjetividades. A arte da enfermagem pediátrica se concentra no cuidado centrado na criança e na família e no cuidado atraumático, orientado pela prática baseada em evidências.

Apesar da adequação do ambiente hospitalar ao atendimento pediátrico, mesmo curtos períodos de internação trazem efeitos adversos para as crianças e seus familiares, visto que ficam separados, afastados de suas rotinas, e passam a viver em um ambiente novo e desconhecido.

As crianças também podem ser submetidas a procedimentos que geram medo e dor. As crianças hospitalizadas são particularmente vulneráveis devido à sua doença, ao seu estágio de desenvolvimento físico, intelectual e emocional, e também pelo pouco controle que possuem sobre o que está acontecendo com elas.

A equipe de enfermagem deve buscar manter um diálogo esclarecedor e transmitir confiança à criança e sua família, prestando um cuidado humanizado, para que se mantenha informada e orientada quanto ao tratamento, procedimentos e dúvidas.

A relação do enfermeiro com a família deve ser pautada pelo respeito mútuo e pela comunicação aberta e honesta.

O cuidado centrado na criança e na família é um elemento central na assistência de enfermagem pediátrica, tendo em vista que o maior interesse da criança é ser cuidada por sua família. Assim, tanto a criança quanto sua família devem participar ativamente do processo de cuidados.

5. REFERÊNCIAS

- [1] Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, Constituição (1988). 1988.
- [2] Brasil. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília. 1990.

- [3] Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da Criança. Brasília. 2015.
- [4] Gomes IPL, Karina AR, Larycia VL, Regina AG, Collet N. Do diagnóstico à sobrevivência do câncer infantil: perspectiva de crianças. Contexto Enfermagem. 2013.
- [5] Trinca W. Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de percepção temática. EPU. 2003.
- [6] Rodrigues BMRD, Pacheco STA, *et. al.* Ethical perspective in care in pediatric nursing: view of nurses. Rev Enferm UERJ. 2013.
- [7] Waldow VR. Enfermagem: a prática do cuidado sob o ponto de vista filosófico. Investig Enferm. Imagen Desarr. 2015.
- [8] ONU - Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU. Genebra: OMS. 2002.
- [9] Brasil. Ministério da Saúde. Plano diretor. Brasília. 2015.
- [10] Heidegger M. Ser e tempo. Campinas: Editora Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes. 2012.